
RESENHA

FONTES, M. A. Nós aqui somos um barco de aprender com o outro: redes de agroecologia na construção da autonomia camponesa. Tese. Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe. Sergipe/São Cristóvão/ 2019, 180f.

Luana Santos dos Santos

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Pato Branco, PR, Brasil
luana.1995@alunos.utfpr.edu.br

Larisse Medeiros Gonçalves

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Pato Branco, PR, Brasil
larisse@alunos.utfpr.edu.br

Maria de Lourdes Bernartt

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Pato Branco, PR, Brasil
marial@utfpr.edu.br

Edilson Pontarolo

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Pato Branco, PR, Brasil
epontarolo@utfpr.edu.br

Esta resenha é desenhada por meio da tese de doutorado intitulada *Nós aqui somos um barco de aprender com o outro: redes de agroecologia na construção da autonomia camponesa*, da pesquisadora Marília Andrade Fontes, sob orientação do professor Dr. Eraldo da Silva Ramos Filho. A tese foi apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe para a obtenção do título de Doutora em Geografia, cuja defesa ocorreu em 28 de fevereiro de 2019, em São Cristóvão, Sergipe. A autora é Engenheira Florestal pela Universidade federal de Viçosa (UFV), com Mestrado em Agroecossistemas, pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atua na área de campesinato, agroecologia, autonomia camponesa, desenvolvimento territorial e sistemas agroflorestais. Faz parte da Rede Sergipana de Agroecologia (RESEA), integra a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), e recentemente é consultora do PNUD em extensão rural no estado de Sergipe. A autora foi atuante junto aos movimentos estudantis e sociais nos tempos de graduação em Engenharia Florestal, no ano de 2002 na Universidade Federal de Viçosa (UFV) fazendo uma imersão na questão agrária e das disputas que acontecem no campo.

Sua pesquisa versa, de modo geral, uma análise sobre como a Rede Camponesa de Agroecologia contribuiu com a (re)territorialização, resistência, ampliação da autonomia e do controle dos territórios camponeses em Sergipe. Adentrado à constituição da tese por meio dos intercâmbios orientados pela metodologia “Camponês a Camponês”; identificando e analisando os resultados/impactos da rede na ampliação da autonomia camponesa e analisar o processo de fortalecimento e construção de territórios camponeses e da agroecologia a partir da experiência de organização em rede. Esta tese constitui a participação ativa da autora diante dos processos analisados e construídos, como agente ativa comprometida a atuar na realidade de sua pesquisa. Assim, Marília Fontes constrói uma linha do tempo que leva o leitor a compreender a escolha de seu tema de trabalho.

Sua tese é embasada, metodologicamente, na pesquisa-ação como instrumento de investigação da própria prática permeando a dimensão pedagógica e política, bem como na pesquisa militante, em que a investigação realizada tem como parte do processo realizada pelos sujeitos do grupo estudado. Nesse sentido, a autora estuda processos nos quais ela mesma faz parte. Assim, Marília Fontes considera seu trabalho uma pesquisa-ação-militante, que utiliza da sistematização participativa de experiência orientada pela metodologia Camponês a Camponês, para descrever e compreender o processo de construção da Rede Camponesa de Agroecologia.

Como instrumentos de pesquisa a autora renuncia o método de observação participante, para sua inserção nos grupos estudados, reconhecendo-se como parte dos atores envolvidos, suas dinâmicas sociais e suas relações, de modo que, por meio de suas perceptivas aprofundasse os processos de conhecimento. Assim, a tese é orientada em três capítulos: a) O que é campesinato? b) O fio que passa perpassa, vai construindo a rede passo a passo e c) Estratégias de autonomia camponesa.

No primeiro capítulo, como tema central da tese, a autora aproxima-se ao campesinato, suas relações na sociedade, a (des)(re) territorialização do campesinato e do capital e a luta por reforma agrária e acesso à terra. Na contextualização desse capítulo a autora aborda literaturas que compreendem os camponeses como agentes de soluções para atuais problemas entre: sociais, ambientais, políticos, culturais e alimentares. Em seu diálogo fica esclarecido que camponês assume diferentes identidades políticas e territoriais, e variadas especificidades e etnicidades, em muitas formações sociais na variação do tempo e

espaço. No processo, os camponeses se moldam a diferentes contextos e multiatividades. A pesquisadora relata que, presentemente, o campesinato aprofunda a capacidade organizativa nas ações políticas por meio da via Campesina, denunciando mazelas sociais e ambientais, reivindicando reforma agrária, soberania alimentar e impulsionamento do Movimento Agroecológico Brasileiro, como formas de suas (re)existências.

Nesse viés Marília Fontes constrói os fios do segundo capítulo no qual descreve a formação e consolidação da Rede Camponesa de Agroecologia (objeto de sua pesquisa), trilhando o caminho até o momento em que os membros da Rede compreenderam que haviam produzido um efeito organizativo. A dinâmica dos intercâmbios se deu em quatro grandes grupos de distintas comunidades de diferentes municípios da porção sul sergipana, totalizando 83 intercâmbios. A autora destaca que a gestão da Rede de Agroecologia Camponesa deve ser compreendida por meio da Rede Social de Aprendizado (RSA), formada no período de 2009 a 2011, no Colegiado Territorial Sul Sergipano, fruto de um projeto apoiado e liderado pela Embrapa Tabuleiros Costeiros, cujo objetivo consistiu em realizar um diagnóstico do território e discutir uma forma de produção de base ecológica que mais se adequasse à realidade da região. Porém, pela falta de recursos financeiros para apoiar as ações não foi possível dar sequência as ações da RSA; mas ela foi a semente plantada para construção da Rede Camponesa de Agroecologia.

A constituição da Rede foi desenhada pela metodologia Camponês a Camponês, nascida nas comunidades de Guatemala, em 1972, defendendo as relações horizontais de troca de saberes e experiências. Logo, o método foi adaptado para a realidade do Sul de Sergipe, que incorporou os princípios da horizontalidade no protagonismo camponês. Desse modo, construiu-se os intercâmbios agroecológicos e troca de saberes, cruciais para a dinâmica de espacialização e constituição da Rede, desenvolvimentos por meio de ferramentas como círculo de culturas e mapas falado. De maneira complementar, são organizados os mutirões, estimulando os trabalhos coletivos nas comunidades, e materializando os conhecimentos agroecológicos. Nessas lógicas é tecida a Rede, entre os processos de ressocialização, e reconstrução da vida, reaprendendo a fazer agricultura, viver em comunidade, fazendo (re)existências a identidade camponesa. Consequentemente, a Rede Camponesa de Agroecologia como processo organizativo, constituiu escalas e dinâmicas, incluso: unidades camponesas e fluxo entre elas, com formação de agrupamentos,

possibilitando a espacialização da Rede sua organização e a formação de um território camponês agroecológico, rasgando as lógicas do capital.

Nesse sentido, a autora engenha seu capítulo final: estratégias de autonomia camponesa. Marília Fontes traça os contornos da noção de autonomia camponesa, a reflexão e a construção coletiva com os camponeses da Rede, como processo de tomada de consciência e de superação da dominação, do indivíduo e da coletividade. A autora traz como pressuposto que é impossível pensar em autonomia plena e absoluta no contexto do sistema hegemônico do capitalismo, sendo ela relativa e processual. Diante disto, a autora cria uma ciranda de autonomia camponesa, composta por: terras e bens naturais, políticas organizativas, mercado e troca de produtos, conhecimentos produtivos-alimentares e trabalho.

Nas diversas dimensões, a Rede Camponesa de Agroecologia impulsionou as relações comunitárias da troca de produtos na criação de mercados locais e feiras da agricultura familiar, incentivou o trabalho coletivo, os mutirões, reforçou as relações não capitalistas, não assalariada de trabalho, impulsionou iniciativas que ampliaram e fortaleceram as multiatividades inerentes ao campesinato, nos intercâmbios possibilitou a construção do conhecimento agroecológico, desde as práticas agrícolas, os aspectos do planejamento e organização da produção, na relação com a natureza, reconhecendo uma forma de produzir conhecimento com o protagonismo camponês, proveu a valorização da alimentação camponesa no resgate e mudança de hábitos alimentares com perspectiva de enfrentamento a desvalorização e desqualificação da comida camponesa.

Complementando, a autora considera que a agroecologia, impulsionada pela Rede Camponesa de Agroecologia, foi capaz de criar processos que contribuíram com a construção da autonomia camponesa, dando contorno e ampliando o território do campesinato por meio da luta na terra, refletindo que sua pesquisa possa contribuir para o fortalecimento do movimento brasileiro de agroecologia, reforçando as estratégias em curso de construção da autonomia camponesa; e que possa servir de subsídio para a retomada das atividades da Rede Camponesa de Agroecologia como um ponto de inflexão de sua própria trajetória, impelindo novos processos, novas ações e fortalecendo a luta contra o avanço do capital no campo.

As críticas a essa tese, submergem os olhares de duas doutorandas, que são graduadas em Agronomia, dito isto, é importante enfatizar que ambas traçaram suas vidas acadêmicas

estudando agricultura familiar e agroecologia. É nesse viés que se arriscam a pontuar algumas questões sobre a tese da pesquisadora Marília Fontes. Essa tese escrita de maneira leve e fluída, aborda questões custosas e doloridas na construção agrária brasileira, quiçá, na América Latina, o campesinato.

Nós enxergamos a importância do tema escolhido e a titulação da tese nas palavras *“Nós aqui somos um barco de aprender com o outro”* em que a autora se inclui no universo da pesquisa, como própria agente, e remete a ideia de barco reforçando o sentimento de fazer parte, estar junto e construir a coletividade, assim fazer costuras para as redes agroecológicas e sua autonomia. A nossa apreciação, do ponto de vista metodológico, encontra uma lógica muito interessante e usada na extensão rural brasileira, quando se faz pesquisa em comunidades rurais, camponesas ou não. A pesquisa-ação é um método de pesquisa muito importante, estudado e aplicado por renomados pesquisadores no mundo, que possibilita ação contínua e participativa da autora na pesquisa como ação, e ainda aplicando a pesquisa militante, incluindo-a como sujeito do processo, fazendo uma pesquisa-ação-militante que se justapõe em sua pesquisa. Enquanto ferramentas metodológicas, entre os círculos de cultura, multirões e intercâmbios, a autora poderia ainda aplicar ferramentas do Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), enriquecendo ainda mais seu trabalho, potencializando e detalhando mais alguns aspectos.

As nossas reflexões ponderam que essa tese envereda muitas estradas fundamentais nas questões agrária brasileira, e seu desenvolvimento, entre elas, a segurança alimentar proveniente da agricultura familiar e suas produções agroecológicas que, aliás, é a base da alimentação brasileira. São os os mercados de ciclo curto das produções camponesas, que alimentam muitas feiras e comércios locais, que urgem valorização e visibilidade, principalmente, com suas perdas durante a pandemia do COVID-19, que até o presente momento, ainda nos toma a vida. Não somente, permear os espaços camponeses, com possibilidades que permitam a sociedade reever a amnésia que nega contribuição do campesinato, mas também, proporcionam direções para os resgates de saberes e muitos modos de fazer agriculturas, permitindo com que tais conhecimentos não se percam e se estabeleçam em seus territórios. Destaca-se que há um amparo holístico e integrado em seus resultados, em que a autora constrói interconexões complexas entre processos, atores, estruturas, funções, demandas e potencialidades, de maneira fluida e leve ao entendimento

do leitor.

Desta forma, a tese de Marília Fontes é fundamental para contribuir com as existências camponesas, e suas redes agroecológicas, que de modo tão caro, nos (re)esperança, bem como uma inspiração na pesquisa para profissionais atuantes na reforma do sistema. Ela possui um suporte muito importante para a extensão rural, traz informações que devem transcender o mundo acadêmico, podendo contribuir com a sociedade dentro das experiências, dificuldades e fortalezas dos agricultores, servindo de apoio aos profissionais extensionistas rurais que se sentem parte das comunidades, bem como aos pesquisadores que comunguem estudos sobre campesinato e agroecologia, de modo a humanizar essa relação.

Recebido em 15/12/2021. Aceito para publicação em 17/04/2022.
--